



MODERNIDADE E EXCLUSÃO SOCIAL NA *URBS VICIOSA* (CURITIBA, INÍCIO DO SÉCULO XX)

 10.5935/2177-6644.20210028

MODERNITY AND SOCIAL EXCLUSION IN
THE VICIOUS URBS (CURITIBA, EARLY
TWENTIETH CENTURY)

MODERNIDAD Y EXCLUSIÓN SOCIAL EN
LA URBS VICIOSA (CURITIBA, PRINCIPIOS
DEL SIGLO XX)

Amanda Corrêa Tortato*

 <https://orcid.org/0000-0002-8342-2035>

Otávio Weinhardt (USP)**

 <https://orcid.org/0000-0001-9299-8944>

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar crônicas publicadas no periódico curitibano *O Paraná* para desvelar certas sensibilidades modernas do período. Esse sentimento ambíguo é exemplificado através das impressões dos cronistas sobre os encantos e dissabores de uma cidade que cresce e, conseqüentemente, se moderniza, revelando seus aspectos viciosos.


Palavras-chave: Modernidade. Exclusão Social. Curitiba.


Abstract: The objective of this article is to analyze chronicles published in the Curitiba periodical *O Paraná* to unveil certain modern sensibilities of the period. This ambiguous feeling is exemplified through the chroniclers' impressions about the charms and displeasures of a city that grows and, consequently, modernizes, revealing its vicious aspects.

Key-words: Modernity. Social Exclusion. Curitiba.

Resumen: El objetivo de este artículo es analizar las crónicas publicadas en el periódico de Curitiba *O Paraná* para desvelar ciertas sensibilidades modernas de la época. Este sentimiento ambiguo se ejemplifica a través de las impresiones de los cronistas sobre los encantos y disgustos de una ciudad que crece y, en consecuencia, se moderniza, revelando sus aspectos viciosos.

Palabras-clave: Modernidad. Exclusión social. Curitiba.

* Mestra em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).  <http://lattes.cnpq.br/1467072775321725> - E-mail: amanda.tortato@yahoo.com.br.

** Doutorando em Filosofia e Teoria Geral do Direito pelo Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade de São Paulo (USP). Professor Colaborador do curso de Direito da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus de Alta Floresta.  <http://lattes.cnpq.br/6255891076780428> - E-mail: otavioweinhardt@gmail.com.

Introdução

Caía a noite. Noite estrelada, de céu aberto, de onde “a lua derrama sobre a urbe a sua claridade prateada”. Pelo centro da cidade, transeuntes apressados, enquanto alguns rapazes reuniam-se ao redor de uma mesa no *Paris*, discutindo literatura, chorando seus amores e bebendo. Os cálices enchiam-se e esvaziavam-se em um ciclo que parecia sem fim, até que os relógios marcaram meia-noite e os rapazes decidiram sair. Os paralelepípedos brilhavam sob o sereno da noite e pedaços de garrafas quebradas reluziam feito pedras preciosas. Há ainda quem estivesse na rua: um casal que se beijava na surdina, uma dupla de policiais levando pelo colarinho um garoto que quebrava vidraças, um grupo de jovens boêmios cantando alto – “eram os boêmios das 12 horas, a flôr da mocidade, alma encantadora da *urbs* a quebrar com as ondas de harmonia o silencio da noite enluarada e luminosa” (O PARANÁ, 27/03/1911).¹

Na crônica sintetizada acima, um certo Eugênio Vidal descreve aspectos da vida noturna na *urbs* moderna. Falava de Curitiba, mas a descrição poderia ser de qualquer outra cidade em processo de modernização. Podemos dizer que essa cidade narrada na crônica jornalística pertence a um momento histórico específico: o intervalo fugaz entre as comunidades rurais ou mesmo as cidades pré-modernas, quando a “lei do silêncio” seguia inabalável noite adentro, e as grandes cidades contemporâneas que nunca dormem.

Ainda no começo do século XX, Curitiba era uma capital um tanto provinciana. Apesar disso, queria-se “cidade grande” e importava os modelos de urbanização e civilidade oriundos da *Paris haussmanniana*, que também inspirava o Rio de Janeiro de Pereira Passos, São Paulo e tantas outras cidades mundo afora (BERBERI, 1996, p. 23). Na capital paranaense, uma indústria pungente de erva-mate resultou na ascensão de uma elite econômica que quis fazer dela uma cidade desenvolvida e cosmopolita (LOPES PEREIRA, 2009, p. 39).

Parte dessa vida urbana moderna e paradoxal aparece relatada nas crônicas dos jornais da época, estilo de texto essencialmente ligado ao cotidiano urbano, ao meio jornalístico, e que ganhou traços genuinamente brasileiros (CÂNDIDO, 1992). No presente ensaio, abordamos o tema da modernidade urbana e exclusão social a partir de uma seleção de crônicas do impresso *O Paraná*, publicadas ao longo ano de 1911. O texto se articula sobretudo através de referenciais da crítica literária e da historiografia, partindo de referências como Elizabeth Berberi², Antônio Cândido e

¹ Nas fontes primárias citadas, será mantida a grafia original do período, a fim de oferecer ao público leitor um contato ainda mais direto com o texto.

² Precisamos fazer justiça ao fato de que o tema foi tratado de maneira mais ampla por Berberi em sua dissertação de mestrado (BERBERI, 1996).

Walter Benjamin.

“O Paraná” e a crônica jornalística

Ao final do século XIX e começo do XX, período chamado de Primeira República, uma relativa democratização do acesso à leitura despontou no Brasil. Com as inovações tecnológicas, a imprensa ocupou um papel central nas mudanças de percepção do cotidiano, sobretudo nas populações citadinas, espectadoras do cenário moderno que se delineava nas capitais do país. Curitiba foi uma das cidades que vivenciou a circulação e o fortalecimento do mundo das letras, possuindo, neste período, diversas mídias impressas em circulação. Desde a instauração da república até o começo do novo século, estima-se que foram centenas, embora a maioria de curta longevidade. As duas exceções foram *A República* e o *Diário da Tarde*, jornais de maior circulação e importância no período (LOPES PEREIRA, 2009, p. 67-69). O impresso *O Paraná* não foi tão efêmero quanto tantos outros, mas também não perdurou por décadas como *A República* e o *Diário*. Sua primeira publicação data de 1907, em um formato que não era propriamente de jornal, mas como uma espécie de almanaque ou revista ilustrada, formato em voga no período³. Depois, transformou-se em um jornal de apenas quatro páginas e circulou assim até o final de 1911.

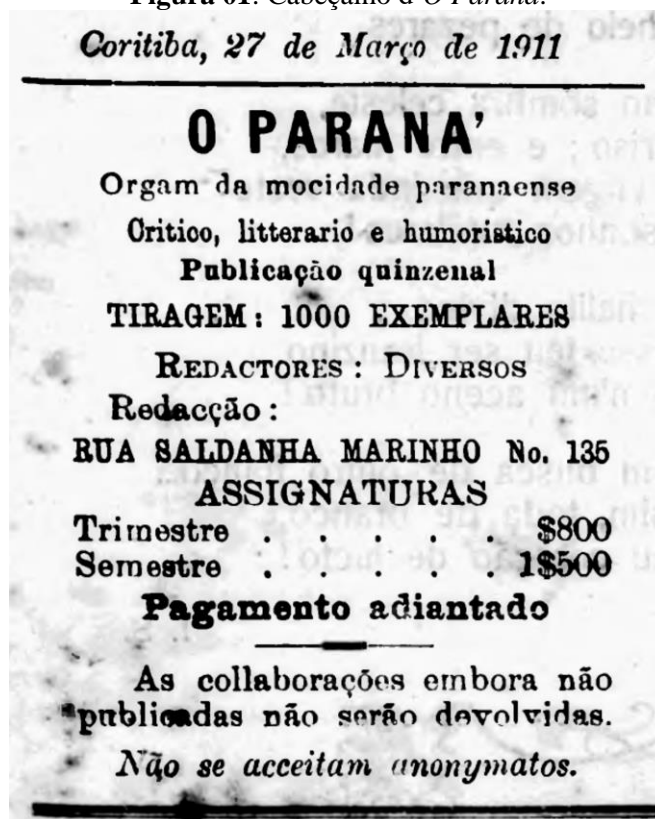
Em sua inauguração, contava com a direção literária de Romário Martins e Paulo d'Assumpção, que viriam a ser duas importantes figuras locais, mas acabou por tornar-se um projeto de “redactores diversos”.⁴ Já no formato com quatro páginas, possuía periodicidade quinzenal e era vendido por assinaturas trimestrais ou semestrais, que em 1910 saíam por \$800 (oitocentos réis) e 1\$500 (mil e quinhentos réis), respectivamente⁵. A tiragem era de 1000 exemplares por edição, sendo aumentada para 1200 nos seus meses finais. No cabeçalho de suas edições, declarava-se um “órgão da mocidade paranaense”, adjetivado como “crítico, literário e humorístico”. A revista aceitava colaborações, deixando claro que não se responsabilizava pela opinião dos autores. Não admitia submissões anônimas, mas boa parte dos textos vinham à público assinados com pseudônimos, prática comum à época, inclusive adotada pelo consagrado cronista João do Rio. Não era um jornal de notícias diárias; em suas publicações, temos poemas, anedotas,

⁴ Romário Martins nasceu em Curitiba em 8 dezembro de 1876. Iniciou sua carreira profissional como tipógrafo e, posteriormente, se tornou jornalista. Homem culto e em constante contato com a imprensa, também atuou como escritor e historiador. Conforme aponta Flora Sússekind, foi para o jornalismo que se dirigiu a maior parte dos homens das letras no Brasil da virada do século. Ver: SÜSSEKIND, 1987.

⁵ A título de comparação, naquele período um corte de cabelo e barba custava cerca de 1\$000. Um dentifrício ou um xarope infantil custavam 1\$500 e uma diária em um quarto simples de hotel custava 3\$000, com banho cobrado à parte – \$1000 o quente, \$500 o frio. LAMBERT, 1916; DIÁRIO DA TARDE, 1910, p. 4; A REPÚBLICA, 1910, p. 4.

algumas colunas com efemérides históricas e, claro, as crônicas.

Figura 01: Cabeçalho d' *O Paraná*.



Fonte: O PARANÁ. Curitiba, 27 de março de 1911.

A crônica não é uma invenção brasileira, tampouco surgiu na modernidade. Também não possui uma relação imanente com o meio jornalístico. Contudo, adquiriu características muito próprias a partir de meados do século XIX no Brasil e teve nos jornais seu meio ideal de propagação, possuindo relações com *fait divers* e com a matéria do folhetim. Por meio dela, a literatura conquistou um espaço no jornal, tornando-se um espaço atrativo entre notícias enfadonhas. O jornalismo finissecular tinha na reportagem sua modalidade central, o que deu a crônica certa autonomia para tratar de assuntos outros, que não necessariamente via na notícia diária sua finalidade narrativa. Conforme pontua Marcus Soares, dispensado de transitar entre os acontecimentos semanais “o cronista comentava o que lia e não obrigatoriamente o que observava, abrindo assim um novo campo de atuação no interior do espaço jornalístico, em que seu texto assumiria dicção mais reflexiva e menos informativa” (SOARES, 2019, p. 287). Nas crônicas, se falava de tudo, mas o eixo temático central era a vida moderna (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 56-57).

A experiência urbana da modernidade combina perfeitamente com o gênero crônica. Isso porque, a modernidade é um fenômeno essencialmente urbano, e nela o cotidiano reveste-se de

infinitas possibilidades. Em meio à multidão de Baudelaire ou Poe destrinchadas por Walter Benjamin (1989), a vida diária reserva encontros, desencontros, mistérios. Na modernidade, o espaço físico e seus elementos também se transformam em personagens: as ruas, galerias, largos, praças, cafés, bondes, postes de luz. Mas também não faltam personagens de carne e osso: o *flâneur*, o *basbaque*, o menino vendedor de jornais, a prostituta, o *câften*, o jogador de cartas, o ébrio, o batedor de carteiras, o guarda municipal. A crônica *Depois das 6 horas*, publicada em 1911 n' *O Paraná* nos mostra bem essa dimensão:

Na rua Quinze, as lampadas acesas e as vitrines iluminadas, o povo num vae e vem continuo, os bonds a carregar e a descarregar passageiros, a algazarra dos garotos dos jornaes, os vendedores de pasteis e sorvetes, os cafés e cinematographos, davam uma idéa de que Curitiba se limitasse somente á rua Quinze, rua da luz e da chalaça, onde passa de dia o burguez honrado, a menina bonita, a normalista faceira, a costureira sympathica, o politico, incompreensivel, o militar cheio de basofia, o estudante risonho e de noite o mendigo, o gatuno ordinario tambem por ella anda repetindo por entre vaporadas de fumo e escarros de cachaça (O PARANÁ, 1911, p.1).

Ao apresentar esse fim de tarde e início de noite em Curitiba, o cronista descreve sua principal rua, com suas personagens e destacando elementos típicos da modernidade: as luzes, o vai-e-vem, o bonde que carrega e descarrega passageiros, e também a contradição expressa em indivíduos como o “burguez honrado” e o “gatuno ordinário”. Descreve o que poderia ser qualquer grande cidade brasileira ou europeia no período, embora tenha consciência de que a modernidade curitibana ainda era limitada: pra lá da rua Quinze, era quase um deserto.

Ainda, a modernidade e a crônica possuem um elemento de conexão indissociável: o tempo. A experiência moderna marca uma nova forma de lidar com ele, desenvolvendo uma sensibilidade individual que antes não existia (ELIAS, 1998, p. 21-22). No caso da crônica, não precisamos dominar a língua grega para desconfiarmos: muitos significados podem ser atribuídos à palavra *crônica*, e todos eles carregam a ideia de *cronos* – “trata-se de um relato em permanente relação com o tempo, de onde tira, como memória escrita, sua matéria principal, o que fica do vivido” (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 51).

Em ambos os casos, estamos falando de um tempo apressado. Até então, sua medição era feita pelo percurso do sol, pelas estações do ano, fases da agricultura, em síntese, por fenômenos naturais. Havia ampulhetas, relógios de sol e outros meios de medição das horas, mas sempre imprecisos e coadjuvantes. Já na modernidade, o tempo é medido maquinalmente, com precisão matemática, se torna mercadoria e marca profundamente as formas de narrativa de então (D'ANGELO, 2006, p. 244).

Na vida moderna, tudo assume um sentido de urgência e o ritmo da vida se acelera, o que

faz com que a percepção temporal, sobretudo no contato com as inovações tecnológicas presentes na experiência urbana, seja sentida de maneira diferente. Tudo passa e se altera rapidamente: os bondes elétricos, que circulavam em “alta velocidade” pelos trilhos urbanos, mais tarde os automóveis, as imagens de cinema, tudo em um ritmo “frenético” e, ao mesmo tempo, efêmero. O mesmo vale para a crônica, que, nas palavras de Antônio Cândido:

Não tem pretensões a durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originariamente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha. Por se abrigar neste veículo transitório, o seu intuito não é o dos escritores que pensam em “ficar”, isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão (CÂNDIDO, 1992, p. 14).

Cândido brinca que, “graças a Deus”, a crônica parece ser um gênero menor, sem as ambições dos grandes romances ou poemas (CÂNDIDO, 1992, p. 13). Nas páginas d’*O Paraná*, porém, poderíamos dizer que é um gênero menor da maior importância. Ela permeia todas as edições do jornal e ocupa um espaço privilegiado em suas páginas. Em 1911, parte dessas publicações foi vinculada a um eixo temático ainda mais específico: a *urbs viciosa*.

Urbs Viciosa: a modernidade e seus paradoxos

Ao longo de 1911, foi publicada uma série de crônicas n’*O Paraná* organizadas em uma coluna denominada *A “urbs” viciosa*. Os títulos apontam para os espaços e hábitos dessa cidade-personagem: *O hotel* (O PARANÁ, 20/02/1911, p. 1). *A estalagem* (O PARANÁ, 27/03/1911, p. 1). *Os cumprimentos* (O PARANÁ, 20/05/1911, p. 1). *A tábola* (O PARANÁ, 30/11/1911, p. 1). O espaço dedicado a elas, sempre na primeira página, nos indica a importância dessas narrativas amarradas pelos “vícios”. O tom dessas crônicas era de exaltação ao progresso na capital e a denúncia da decadência moral, o “avesso” da vida moderna, que se manifestava com a proliferação de alguns vícios urbanos. Estes são, aliás, elementos indissociáveis da experiência moderna, marcada por contradições e incertezas.

O afrouxamento dos laços sociais contribuiu para produzir nas pessoas uma sensação de solidão e insegurança. A vida urbana a partir do século XIX foi atravessada por questões que “sempre existiram”, mas se manifestavam em formas e intensidades até então desconhecidas. Fenômenos como o crime, a prostituição, o jogo, a embriaguez, a mendicância, a infância abandonada etc., ganharam notoriedade nas ruas das cidades e também nas diversas formas de narração, como a literatura, a fotografia e, iniciando o século XX, o cinema (GRUNER, 2012, p. 34).

Na análise que faz do romance policial, especialmente a partir da novela *O homem na Multidão*, de Edgar Allan Poe, Walter Benjamin destaca justamente esses elementos. Entre outras coisas, o que torna o gênero policial – também típico do século XIX – possível, são as incertezas trazidas pela modernidade: a multidão de desconhecidos, a sensação constante de insegurança, o desaparecimento do ser humano em meio à massa anônima (BENJAMIN, 1989, p. 41-44). E, de fato, diante da impossibilidade de descobrir as reais intenções de seu “homem na multidão” o narrador Poe conclui que na cidade grande os mistérios não são facilmente revelados, afinal, na multidão ninguém se deixa ler. Sobre as crônicas publicadas em Curitiba no período aqui apresentado, Clóvis Gruner nota um pano de fundo semelhante:

Também na capital paranaense, estes textos procuraram comunicar, participando, os meios conflituosos, precários e não raro fragmentados pelos quais foram sentidas as muitas mudanças vividas na cidade ao longo deste período. Tal contradição se alimenta, em parte, de uma característica que é própria à experiência da modernidade: construída sobre ruínas, suas promessas de futuro oscilam sobre os escombros onde se assentam e de onde emergem (GRUNER, 2012, p. 58).

E o que nos dizem as crônicas da “*urbs* viciosa”? Na primeira delas, publicada em 20 de fevereiro de 1911 e assinada por certo “J. Cayobá”, temos a descrição de um hotel e das “mercadoras do Amor” que o habitam (O PARANÁ, 1911, p.1). Suas características combinam com as de muitos hotéis da cidade no período. Diferentemente dos hotéis “de respeito”, como o *Grande Hotel*, o *Tassi* ou o *Roma*, esses estabelecimentos eram voltados para um público menos distinto: trabalhadores braçais, militares rasos, imigrantes recém-chegados.

Ao contrário do que uma primeira leitura da crônica pode sugerir, o autor não estava usando a palavra “hotel” como um eufemismo para prostíbulo. Ocorre que a hospedagem era apenas um dos motivos que levava as pessoas a esses estabelecimentos (e talvez sequer o mais importante). Nesses lugares, era possível sentar para uma cerveja, comer algo, encontrar uma companhia feminina e eventualmente se hospedar (WEINHARDT, 2019, p. 181-182).

Acompanhado pelo amigo “Moraes”, nosso cronista sentou-se em uma das mesas e pediu uma cerveja ao garçom, um “meninote em cujo olhar vivo se lia uma chronica inteira de canalhices”. Dali, observam meticulosamente os entornos, cada um de seus corredores e cantos sombrios. Como atentos observadores, nos lembram o *flâneur* dos escritos de Baudelaire, que “se torna sem querer detetive”, um detetive amador dos mistérios da modernidade (BENJAMIN, 1989, p. 38). Em seu *métier*, entrevistaram o menino que lhes atendia, extraíndo as informações que a mera observação do local não lhes dava. Constataram a dura vida que levam aquelas moças, não sem emitirem um juízo moral sobre elas, descritas como “sacerdotisas do vicio”. O autor, contudo,

reconhece essa inevitável ambivalência da modernidade: de que as “grandes civilizações” não são “jamais compreendidas sem os grandes vícios” (O PARANÁ, 20/02/1911, p. 1).

O mesmo “J. Cayobá” retorna ao tema das hospedarias na contribuição seguinte à seção *urbs viciosa*, uma crônica intitulada *A Estalagem* e publicada em duas edições entre março e abril de 1911. O texto inicia da seguinte forma:

Quem hoje defrontar com o *Magestic Hotel* ou qualquer outro desses colossos que na actualidade encarnam o typo da moderna hospedaria, a desafiar toda a exigencia em materia de luxo, elegancia e conforto, difficilmente acreditará ser elle o ultimo (e será effectivamente o ultimo?) elo da corrente evolucionista que teve a sua origem na immunda estalagem das cidades medievaes e nos sordidos albergues de estrada, não raro valhacouto de ladrões e assassinos (O PARANÁ, 27/03/1911, p. 1).

A descrição desses espaços não civilizados e não modernos se segue – mesas toscas e manchadas, paredes escuras, um gato esquelético, um cão sujo de lama, móveis tristes, leitos arcaicos repletos de percevejos e por aí vai. Curitiba, “com o seu avanço civilizador e já intensa cultura”, não havia conhecido essas estalagens primitivas. Relata o cronista:

A primeira hospedaria fundada em Curitiba foi um hotel do qual pouco differenciam os melhores que hoje existem – dizem-n’o e com muita saudade e muito orgulho os velhotes que se comprassem a estabelecer confrontos pouco lisongeiros á moral moderna, entre a humildade cidade de ontem e a elegante «urbs» de hoje (O PARANÁ, 27/03/1911, p.1).

E continua:

Entretanto, nem sempre pela má e as vezes injusta fama, a estalagem é um antro de porcaria e immoralidade, e isto porque as ha tambem moralizadas, como albergues que são para viajantes de poucos haveres. Mas, por maiores que sejam a ordem e a moralidade n’uma casa de hóspedes, é esta pela fatalidade do seu proprio destino o scenario das cousas mais extranhas e interessantes que vão do ridiculo ao tragico, do frivolo ao sublime, do bello ao hediondo (O PARANÁ, 27/03/1911, p.1).

Depois de sua descrição do que seriam essas hospedagens, Cayobá nos dá o endereço de uma delas, o *Hotel Bella Vista*. Nele, trabalhava uma jovem italiana que havia chegado à cidade depois de breves passagens por Buenos Aires, São Paulo e Rio de Janeiro. Nessa longa trajetória, teve inúmeros infortúnios, viu seus sonhos se desmancharem e acabou empregada no *Bella Vista*. Mais uma vez em sua função de “detetive” da modernidade, Cayobá entrevistou aquela personagem para conhecer os meandros da vida da estalagem. Concluiu que “por alli, como n’um extranho ciclorama, perpassam todas as scenas da miseria humana, tendo por actores homens e mulheres impellidos de todos os pontos da terra pelos ventos da adversidade”. Nesses espaços, circulavam os excluídos da civilização, “rebutalhos da vida – bons e maus – mas todos attingidos pela lei fatal do infortunio que á fronte lhes imprime com a miseria o destino maldito dos modernos párias sociaes” (O PARANÁ, 1911, p. 2).

Dessas breves passagens, já se extraem vários dos elementos da modernidade, seus encantos e contradições. No primeiro excerto, o caráter teleológico de que a experiência moderna é signatária. A escolha do autor em mencionar o *Magestic* como “último elo da corrente evolucionista” não é banal e carrega todo um ideário difundido a partir da Europa desde meados do século XIX e que desembarca com força no Brasil. As ideias de evolução e progresso, caras ao positivismo e ao evolucionismo (ou darwinismo) social, estavam em toda parte: no reino animal, nas “raças” humanas, na organização das sociedades e, aparentemente, nos tipos de hospedagens.

Na segunda passagem, temos o confronto entre o arcaico e o moderno personificado pelos “velhotes” que eram “pouco lisonjeiros á moral moderna”. Os discursos da modernidade visavam uma ruptura com os modos de vida tradicionais, abrindo novas possibilidades para as pessoas, que, livres das amarras da tradição, podiam seguir por conta própria. Claro que isso também comportava o sentimento da perda de referenciais e, além disso, a ruptura com a tradição nunca é completa, pois o discurso moderno “liga-se a um passado que ele constrói de modo mais apropriado para que possa ter segurança em sua projeção adiante” (BERBERI, 1996, p. 25). Essa problemática pode ser vista a partir da oposição entre *experiência* e *vivência* proposta por Benjamin. Enquanto a primeira, “matéria da tradição”, se produz de forma comunitária e demorada, a segunda é marcada pela individualidade e pelas impressões ligeiras, passageiras (BENJAMIN, 1989, p. 103-110).

Finalmente, o discurso é marcado pelas chaves de moralidade/imoralidade, reforçando mais uma vez o juízo moral que aparece nas crônicas d’*O Paraná* com frequência. Ainda, podemos perceber as fronteiras de civilização almejada que demarcam nitidamente os que estão dentro – considerados civilizados – e os que estão fora, considerados incivilizados, bárbaros, personagens “à margem” que precisam ser incluídos ou, simplesmente, descartados. Robert Pechman aponta que a figura do bárbaro funciona como “um espelho no qual a sociedade dita civilizada se mira”. O espelho, curiosamente, reflete a imagem da própria civilidade, afinal, ao negar o outro, considerado um elemento aquém do processo civilizatório, ele reflete aquilo que a “sociedade civilizada” não quer ser, pois não há sentido falar em “civilização” sem a barbárie (PECHMAN, 1999, p. 15). É nessa relação dialética, que enfatiza os espaços de miséria e os de progresso, que se percebe o modo como a sociedade se vê, mas mais do que isso, o modo como *gostaria* de ser vista e representada.

Quanto aos nossos cronistas, embora não o conheçamos, eis que protegidos por pseudônimos, podemos inferir certos traços de perfil: autores jovens, mais ou menos inseridos nos espaços da cultura letrada curitibana, fortemente influenciados pela geração que os precedeu, a

chamada “geração simbolista”⁶, e por referenciais estrangeiros como Victor Hugo, Edgar Allan Poe e Baudelaire.

Intelectuais engajados e seduzidos pelo universo das letras, esses autores se assemelhavam em muito ao *flâneur*, mas nota-se neles o ar de uma juventude bem nascida, que transitava em meio às multidões e à ralé sem, contudo, ter qualquer relação com elas.⁷ Ao mesmo tempo, esses autores manifestam uma típica rebeldia de juventude burguesa. Não se sentiam em casa nas mansões ecléticas erguidas no início do século (LOPES PEREIRA, 2009, p. 43) e, tal qual flanadores, buscavam asilo na multidão (BENJAMIN, 1991, p. 39). Faziam o papel contraditório de boêmios bem comportados, que circulavam em meio aos vícios e prazeres urbanos, mas tinham receio em experimentá-los (BERBERI, 1996, p. 125). Observaram aqueles espaços como *detetives* ou então como *etnógrafos*, e contrariavam a moral burguesa ao constatar neles o belo e o sublime, mas pensavam a partir dessa mesma moral ao descreverem o trágico, o frívolo, o hediondo.

Em uma terceira crônica, nosso ilustre desconhecido “J. Cayobá” descreve mais um desses espaços típicos do vício, a “mesa de panno verde” do jogo. Novamente, o tom moralista do autor emerge, descrevendo o jogo como uma invenção diabólica para torturar aqueles que querem lucrar sem ter que trabalhar. Também se destaca a forma com que, na descrição de Cayobá, o jogo é um denominador comum entre a elite curitibana e o populacho, unidos no mesmo hábito detestável:

Curitiba é já um campo sofrível de jogatina. Aqui se joga e também se empobrece e enriquece no jogo. E ha as casas elegantes, as ratoeiras doiradas, como ha as tavolagens rês onde typos desclassificados lançam os dados e cantam os numeros entre emanações de aguardente e fumo. Materialmente é grande a diferença entre as roletas da alta roda e as baiucas da baixa camada social, mas moralmente é nulla (O PARANÁ, 1911, p. 1).

Na verdade, o autor até atribuía certa superioridade moral à jogatina popular, revertendo o padrão segundo o qual as elites são moralmente elevadas. A grande diferença? A ausência de mulheres nos estabelecimentos da ralé. Nos espaços *chics*, o “pandemonium do vicio” conta com “o espoucar do *champagne* nas ceiatas alegres, o estalar dos beijos venaes, os gritos selvaticos do odio e o vozear em falsete das mulheres”. Já nas espeluncas “não entram as peccadoras, e o *seu* Antonio, o feliz dono da baiuca, diz sempre com a sua imensa autoridade de homem casado, e serio e honrado, não querer bandalheiras no seu estabelecimento” (O PARANÁ, 1911, p. 1).

⁶ No Paraná, representada por autores nascidos em meados dos anos 1860-70 e que começam a produzir por volta dos anos 1890, como Emiliano Perneta, Dário Vellozo e Manuel Silveira Neto. A esse respeito, *c.f.* BEGA, 2013.

⁷ É importante destacar aqui uma distinção significativa entre o “cidadão comum”, pertencente às massas, um observador mais passivo diante das mudanças estruturais da *urbs* dos que, por pertencer e circular em espaços privilegiados, constroem as narrativas sobre elas. Jornalistas, literatos, cronistas fotógrafos e pintores possuem um olhar diferente na leitura das cidades e devemos reconhecer essa diferença de percepções e sensibilidades. Ver: PESAVENTO, 1995, p. 279-290.

Na verdade, *seu Antonio* tinha um bom motivo para controlar com rigor os excessos em seu espaço: evitar as batidas policiais, que podiam culminar em violências, apreensão de objetos e mesmo no fechamento do local, já que o Código Penal de 1890, então em vigor, criminalizada toda forma de jogo de azar. Essa preocupação não existia nos *clubs chics*, salvo raríssimas exceções, especialmente quando a imprensa local denunciava essa atuação seletiva das autoridades (WEINHARDT, 2019, p. 57-58). Por outro lado, mesmo o controle dos espaços populares era seletivo e poroso. Não havendo baderna, era possível operar no coração da cidade sem que ninguém incomodasse. Era comum inclusive ver as forças policiais tentando a sorte desses lugares. No *seu Antonio*, “até a policia, a policia, vejam bem! vae fazer o seu joguinho lá por volta das 11” (O PARANÁ, 1911, p. 1). enquanto que no *Elite* ou no *Mignon* não seria improvável encontrarmos um chefe de polícia ou secretário de Estado em uma sala reservada.

A jogatina, apesar de ser quase uma instituição a-histórica, daquelas que existem “desde que o mundo é mundo”, converte-se em algo muito próprio da experiência moderna. Nela, todos os vícios que a modernidade urbana carregava se reúnem:

Vem a aguardente, os perceiros bebem-n’a e fumando, ou cachimbo de nó ou charutos de tostão, deixam-se por alli ficar até que o dia clareia, se despedem e segue cada um para o seu destino, a casa, onde entram para dormir o somno agitado do jogador e alcoolico até a tarde, quando a noite desce de novo como negra cortina a velar os vicios e os crimes da terra (O PARANÁ, 1911, p. 1).

Em volta da mesa de jogo, temos a face sombria da modernidade. Quando as galerias se fechavam, os últimos *bonds* levavam multidões na direção de suas casas e as luzes dos postes se acendiam, o outro lado da *vivência* moderna, da qual o jogo é uma metáfora quase perfeita, ganhava espaço. Diz Benjamin: “A forma ideal da vivência traumática é a catástrofe. No jogo isto se torna bem nítido: através de apostas cada vez maiores, que deverão salvar o perdido, o jogador se dirige à ruína absoluta” (BENJAMIN, 1989, p. 271).

No vaivém dos sentidos que se atribuem aos espaços e sociabilidades urbanas, pode-se conferir discursos que nos apresentam novas maneiras de olhar, pensar e sentir o cotidiano das cidades. Por mais sutis que fossem, as mudanças em curso não passavam despercebidas por seus observadores privilegiados, que imprimiam nas páginas dos jornais cada movimento, cada alteração da paisagem, cada personagem urbano, uma espécie de deslumbramento, típico das novas sensibilidades modernas.

Considerações finais

A modernidade urbana foi um momento de êxtase, marcada pela velocidade, pelas luzes,

pela efemeridade e um sentimento de que tudo era possível. Libertas dos apertados laços sociais pré-modernos, as pessoas sentiam-se livres para transitar pelas ruas das cidades reurbanizadas, visitar suas lojas e galerias, cafés, salões, perderem-se na multidão. A sensação do anonimato produzia uma liberdade antes desconhecida. Essa mesma modernidade, pelos mesmos motivos, assustava. As sensações de solidão e insegurança, entre outros amargores, penetravam fundo nos homens e mulheres da modernidade.

Não era mera sensação: a modernidade materializa essas contradições na medida em que amplificou desigualdades, classificando seus indivíduos, delimitando espaços a que certos grupos pertenciam ou não. Quanto mais a cidade se verticalizava, menos havia um “lugar ao sol” para uma imensidão de sujeitos. O controle das populações foi reforçado, com um policiamento atento das ruas, em busca dos indesejáveis, para os quais se construíram presídios como válvulas de escape do excedente urbano (WEINHARDT; NOGUEIRA, 2021, p. 30-31). Assim é a experiência moderna em Paris, Londres, Buenos Aires, Rio de Janeiro, São Paulo e, em alguma medida, Curitiba. É difícil mensurar o quanto a capital paranaense de fato sofreu com os efeitos adversos da modernidade, mas que quisera sofrê-los, é certo.

Nas crônicas d’*O Paraná*, especialmente nas contribuições de “J. Cayobá” à seção *urbs viciosa*, temos ricos testemunhos de como as mazelas da vida urbana eram sentidas. O gênero *crônica* é marcado por sua linguagem mais próxima da oralidade, com sua escrita despretensiosa, mas repleta de significados e nem um pouco desleixada, tornando-a uma “discreta candidata à perfeição” (CÂNDIDO, 1992, p. 14). Nas páginas do jornal da “mocidade paranaense”, não encontramos nenhum gigante da literatura nacional, como um Lima Barreto, João Antônio ou Rio, mas “na ausência de um João do Rio, não faltou quem falasse de nossa modesta vida noturna” (BERBERI, 1996, p. 116). Através dessas curtas narrativas, que sequer saíram das páginas de um jornal de baixa circulação e são completamente desconhecidas da maioria de nós, temos alguns relatos das novas sensibilidades e experiências modernas locais. Em *O Paraná*, bem como nos outros tantos impressos que circulavam naqueles tempos, “a modernidade encontrara, afinal, um veículo e uma escrita coerentes com sua frágil e paradoxal solidez” (GRUNER, 2012, p. 55).

Referências

ARRIGUCCI JR., D. **Enigma e comentário**: ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BEGA, M. T. **Letras e política no Paraná**: simbolistas e anticlericais na República Velha. Curitiba: Editora da UFPR, 2013.

BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BENJAMIN, W. Paris, capital do século XIX. In: KOTHE, F. **Walter Benjamin**. São Paulo: Ática, 1991, p. 30-43.

BERBERI, E. **Impressões: a Modernidade através das crônicas no início do século em Curitiba**. Dissertação (Mestrado em História), Curitiba: Universidade Federal do Paraná – UFPR, 1996.

CÂNDIDO, A. A vida ao rés-do-chão. In: CÂNDIDO, A. **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. São Paulo / Rio de Janeiro: Editora da UNICAMP / Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 13-22.

D'ANGELO, M. A modernidade pelo olhar de Walter Benjamin. **Estudos Avançados**, v. 20, n. 56, p. 237-251, 2006.

ELIAS, N. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

GRUNER, C. **Paixões torpes, Ambições sórdidas: transgressão, controle social, cultura e sensibilidade moderna em Curitiba, fins do século XIX e início do XX**. Tese (Doutorado em História), Curitiba: Universidade Federal do Paraná - UFPR, 2012.

LOPES PEREIRA, L. F. **O Espetáculo dos Maquinismos Modernos: Curitiba na virada do século XIX ao XX**. São Paulo: Blucher Acadêmico, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. **Estudos Históricos**, v. 8, n. 16, 1995.

PECHMAN, Robert Moses. **Cidades estreitamente vigiadas: o detetive e o urbanista**. Tese (Doutorado em História), Campinas: Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, 1999.

PINHEIRO, A. C. M. **Paraná Ilustrado: as representações gráficas paranistas na revista Ilustração Paranaense (1927 – 1933)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design), Curitiba: Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, 2021.

SOARES, Marcus V. N. Considerações sobre a crônica de João do Rio: "Cinematógrafo". In: NEGREIROS, C; OLIVEIRA, F.; GENS, R. **Belle Époque: a cidade e as experiências da modernidade**. Belo Horizonte: Relicário, 2019.

SÜSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

WEINHARDT, O. O crime do Hotel Bella Vista: espaços e sociabilidades alcoólicas em Curitiba no início do século XX. In: GOVASKI, P., et al. **Sociabilidades: narrativas do outro**. São Paulo: Todas as Musas, 2019, p. 179-192.

WEINHARDT, O. A. G. **Delitos Étílicos: embriaguez, criminalidade e justiça (Curitiba, 1890-**

1920). Dissertação (Mestrado em Direito). Curitiba: Universidade Federal do Paraná - UFPR, 2019.

WEINHARDT, O.; NOGUEIRA, R. **Diálogos transdisciplinares sobre a pena:** artigos 32 a 120 do Código Penal. Curitiba: Intersaberes, 2021.

Fontes

A REPÚBLICA. Curitiba, 10 de janeiro de 1910.

DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 13 de janeiro de 1910.

LAMBERT, Egydio. **O Guia Paranaense.** Curitiba: Redação Graciosa, 1916.

O PARANÁ. A “**urbs**” **viciosa:** a estalagem. Curitiba, 24 de abril de 1911.

O PARANÁ. A “**urbs**” **viciosa:** a estalagem. Curitiba, 27 de março de 1911.

O PARANÁ. A “**urbs**” **viciosa:** a tavola. Curitiba, 30 de novembro de 1911.

O PARANÁ. A “**urbs**” **viciosa:** o hotel. Curitiba, 20 de fevereiro de 1911.

O PARANÁ. **Depois das 6 horas.** Curitiba, 12 de agosto de 1911, p. 1.

O PARANÁ. **Os estroinas da meia-noite.** Curitiba, 27 de março de 1911.

O PARANÁ. **Urbs viciosa:** os cumprimentos. Curitiba, 20 de maio de 1911.

Recebido em: 25 de setembro de 2021.

Aprovado em: 12 de novembro de 2021.